
A VISÃO E O TESTEMUNHO DE PROFESSORES E EX-ALUNOS

O curso de Análise de Sistemas (CAS) foi criado em 1973 e começou a funcionar junto à Faculdade de Ciências Tecnológicas (FCT). No segundo semestre daquele ano comecei a dar aulas no CAS. Na época eu também trabalhava em outras instituições de ensino ministrando muitas aulas e, por este motivo, meu envolvimento foi, inicialmente, pequeno.

No início de 1974 o diretor da FCT, Sr. Rubens Carlos Tocalino criou uma equipe, formada por docentes do CAS e convidou-me a fazer parte deste grupo. Deveríamos auxiliar a administração do curso. Aceitei o convite e passei a trabalhar apenas na PUC-Campinas, pois havia muita coisa a ser feita para alcançarmos os objetivos determinados pela equipe. Não imaginei, na época, que iria me envolver de maneira tão forte com os alunos do curso e com a PUC-Campinas. Foram muitas atividades nas diversas instâncias da Universidade, mas o objetivo principal era, sempre, o crescimento do CAS.

Inicialmente trabalhamos, de maneira intensa, para conseguir o reconhecimento do curso (o primeiro a ser reconhecido no Brasil!). O curso passou a semestral, com sistema de pré-requisitos e com algumas características de curso integral. Em seguida trabalhamos para melhorar a capacitação dos docentes e conseguir um laboratório de informática adequado às necessidades do CAS. Mas não fizemos só isto! Lutamos, também, para melhorar as instalações físicas e a biblioteca, além de dedicarmos muito de nosso tempo à criação do Instituto de Informática (I.I.), para desvincularmos o CAS da FCT. Tínhamos vida própria e objetivos muito específicos, associados à área de informática!

Nosso trabalho ainda passou por participação em congressos, feiras de informática (usando, quase sempre, recursos próprios); trabalho até altas horas da noite e, também, nos finais de semana, para resolver problemas de matrícula dos alunos (quem de nossos alunos e ex-alunos não sabe o que é isso?!). Sendo representantes do curso nos colegiados e

comissões da Universidade; presidindo comissões eleitorais; ocupando cargos na Câmara Curricular, coordenação de laboratório, coordenação de departamento e coordenação de curso (sempre mais de uma vez); fazendo mestrado e, algum tempo depois, doutorado (ainda não concluído); participando de bancas examinadoras para admissão de docentes em carreira docente; participando de grupos de reestruturação curricular; orientando bolsas de iniciação científica; coordenando monitorias; e muitas outras atividades importantes, realizadas junto ao Instituto de Informática, entre muitas outras atividades do cotidiano do CAS!.

Os trabalhos nunca foram feitos de forma linear e as prioridades acabavam por se confundir!. Quantas dificuldades a serem vencidas e quantos atropelos!

As minhas atividades, quase sempre, tiveram o auxílio de outras pessoas: alunos, funcionários do CAS, do Instituto de Informática e das demais instâncias da universidade; coordenadores de departamento, coordenadores de laboratório, coordenadores de curso, diretores, vice-reitores e reitores. É preciso dizer alguma coisa sobre essas pessoas, pois muitas estão no I.I. até hoje, mas as que não mais estão conosco também tiveram participação relevante na trajetória do CAS.

Durante algum tempo convivi com pessoas importantes para o CAS e para o Instituto de Informática: Rubens Carlos Tocalino, Antonio Carlos Lirani, Antonio Celso Iglesias, Antonio Carlos Vignatti (diretores e coordenadores de curso). Com outras pessoas, igualmente importantes, convivi durante todo o tempo, criando forte amizade. Uma dessas pessoas é o Otávio Roberto Jacobini (de fundamental importância ao CAS, um dos responsáveis pela criação do I.I. idealizador e realizador de muitos empreendimentos. Seu trabalho foi fundamental como professor, coordenador e diretor. Admiro-o por sua inteligência e competência e prezo sua amizade.). A outra é Maria Thereza Arruda Penteado (professora muito

querida e, muitas vezes, o nosso braço direito. Minha amiga desde 1974!. Foi homenageada diversas vezes pelos formandos e pelos alunos em geral).

Com outros professores convivi menos tempo, mas também criei fortes laços de amizade (reforçados fora do ambiente de trabalho): Brasília Socalschi (excelente professor, presença imprescindível na administração do CAS e do I.I., grande idealizador e grande amigo!); José Oscar Fontanini de Carvalho (ex-aluno em dois cursos diferentes; considero-o um dos melhores professores do I.I. . Considero-o um dos melhores chefes que já tive, e amigo para o resto da vida!); Ricardo Pannain (excelente profissional, presença fundamental no I.I. e no curso de Engenharia de Computação, criado em 1993, meu amigo desde que passou a trabalhar na PUC-Campinas); Carlos Miguel Tobar Toledo (excelente professor, dedicado ao seu trabalho, muito competente em suas atividades e de uma solidariedade a toda prova! Sem o seu auxílio eu teria muita dificuldade para concluir minha capacitação!).

Dedico uma parte especial deste depoimento à prof^a Angela de Mendonça Engelbrecht, atual diretora do I.I., de quem sou amiga e admiradora desde 1979 (quando nos conhecemos na USP-São Carlos, fazendo o mestrado. Tive seu auxílio para vencer muitas das minhas dificuldades naquela cidade). Admiro sua inteligência, competência, dedicação e persistência, além da maneira como desempenha suas funções de diretora. Solucionou diversos problemas administrativos do I.I. e é responsável pelo projeto de criação do mestrado em informática da PUC-Campinas. Tenho certeza que, em função de suas qualidades profissionais, alçará vôos mais altos ao longo de sua vida profissional!.

Muitos outros professores do CAS são importantes e devem ser citados: Orandi Mina Falsarella (ex-aluno do CAS e ótimo coordenador de laboratório); João Luis Garcia Rosa (considerado por todos como um dos melhores professores do I.I.); Juan Manuel A. Coello (excelente profissional e atual coordenador do departamento de eletrônica e computação); Silvia Cristina V. Mendes (excelente ex-aluna e ex-monitora, analista de sistemas de primeira ordem, responsável pelo sistema de matrícula durante muitos anos e amiga pessoal de muito tempo); Nelson de Carvalho Mendes (um dos melhores alunos que já tive, parceiro no trabalho de capacitação e amigo pessoal de muito tempo); Ivan Granja (ex-aluno,

colaborador fundamental de muitas atividades do I.I., tais como Jornada de Informática, cursos de extensão para alunos e funcionários, entre outros. Além disso um bom amigo); João Carlos Orosz (trabalhamos juntos desde 1974. Considero seu trabalho de docência muito importante ao CAS, pois junto com o Orandi é responsável pela disciplina de projeto de conclusão de curso); José Estevão Picarelli (verdadeiro "show-man" em suas aulas e, sem sombra de dúvida, uma das melhores aquisições feitas pelo CAS! Fomos colegas na UNICAMP e, desde então, somos amigos); Walter Celaschi (conhecemo-nos na Unicamp, trabalhamos juntos desde 1974 e admiro seu desempenho como professor e como profissional); Sérgio Roberto Pereira (excelente profissional, professor querido pelos alunos e bom companheiro de trabalho); Frank H. Behrens (recente colaborador do I.I., mas não menos importante) e Alberto Barbosa (profissional competente, com muito bons resultados como coordenador de departamento).

Mas, sem o auxílio de muitos outros professores, teríamos mais dificuldades para vencer os obstáculos!. São eles: Dalva, Jansen, Lúcia, Dulce, Ana Helena, Maria José, Eliana, Maria Beatriz, Fernando Paula Freitas, Vivaldo Tuna, Ednilson, Celso Pedroso, Monsenhor Celso, Waldemar Caldin, Letícia, Raquel, Denise, Israel, Carrilho, Gonzaga, Aqueo, Alberto Martins, Ronaldo Passini, Jairo de Araújo Lopes, Elizabeth Araujo (estes dois últimos auxiliaram-me de forma especial), Anivaldo, André (muito querido pelos alunos), Francisco, Valter Castelhana.

Mesmo aqueles professores que não ministram aulas atualmente no CAS foram importantes para sua evolução: João Francisco Regis de Moraes, Ivan de Veiga Moroni, Mario Maróstica, Ênio José Ivo Gatti, Thelma Cecília dos Santos Chioffi (colega de mestrado e de trabalho), Eliana Borges (colega de UNICAMP e de trabalho), Reinaldo Cúrcio, Ricardo, José Maria, Marcelo (estes quatro últimos colegas desde a UNICAMP), Cecília Baranauskas, Sindo V. Dias, Silvia Oliveira, Luana Zwanziger, José Alves Cecarelli, Paulo Gastão da Cunha Filho (responsável pelo meu ingresso na PUC-Campinas, colega de UNICAMP e meu conterrâneo), Lázaro Guilherme Rangel (de reconhecida competência), João Luiz Mazza Aranha, entre muitos outros. Àqueles que deixei de citar peço desculpas por minha negligência!

Mas o que seria o nosso trabalho sem nossos funcionários ? Eles são muito importantes: Fátima,

Kátia, Meire, Ronaldo, Eder, Breno, Marcos (do laboratório de informática), Habacuque, Aparecido, André, Marilda e Jean. É claro que aqueles que não mais trabalham conosco também foram importantes! (Hamilton, Suêdes, Márcio, Paula, Sônia, Solange, Denise, Ignácio, Frederico, Marcelo, Milito, Cristina, e muitos outros aos quais peço desculpas por meu esquecimento que impede de citá-los).

Tenho certeza que em todo lugar de trabalho há muitos ganhos e algumas perdas. Não me refiro às perdas financeiras ou aos objetivos não alcançados, mas às perdas de amigos! Não posso deixar de lembrar do José Walter Raimundo (ex-aluno, excelente professor e muito amigo). Dividiu conosco muitas das nossas preocupações e do nosso trabalho, mas não esteve conosco para dividir nossas alegrias e sucessos! Tenho certeza que, onde estiver, vibra a cada vitória nossa! Tivemos outra perda muito grande: Sandra, nossa funcionária, e amiga. Tão alegre e competente, com tantos projetos de vida! Foi muito triste!.

Mas o que dizer dos nossos alunos e ex-alunos? Sem eles nosso trabalho não teria sentido. Foi por eles e para eles que trabalhamos todos estes anos. Agradeço a todos, pois acho que aprendi com eles mais do que lhes ensinei. Fiz muitos amigos entre eles!. Hoje sei que valeu à pena o tempo que dediquei ao preparo de minhas aulas e à todas as aulas que já ministrei! As notícias que recebo, relacionadas ao bom desempenho e às vitórias dos profissionais formados no CAS, mostram que escolhemos caminho certo e que os nossos objetivos foram corretos. Àqueles alunos e ex-alunos que, lamentavelmente, perdemos ao longo desta jornada dedico uma atenção especial, pois estiveram conosco em diversos momentos (alegres alguns e difíceis outros). Infelizmente não puderam participar desta data especial que hoje estamos comemorando.

É claro que deixei muitas coisas de ordem pessoal para segundo plano, em particular a minha família. Se eu não tivesse a compreensão e os incentivos de meu marido e companheiro, inclusive no trabalho (João Luiz) e de meus filhos (Carolina e João Luiz Filho), teria que escolher entre uma coisa e outra e isso seria muito difícil para mim.

Escrevendo este depoimento fui obrigada a recordar coisas que aconteceram desde 1973. Como não refletir sobre tudo o que aconteceu?! Posso dizer

que, apesar das falhas que ocorreram, os acertos foram em maior número e compensaram todo o trabalho. Parabéns a todos os que direta e indiretamente contribuíram para o sucesso do CAS e dos profissionais que se formaram no curso de Análise de Sistemas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas!

Maria Cristina Luz Fraga Moreira Aranha,
Professora do Instituto de Informática desde 1973 e
Coordenadora do Curso de Análise de Sistemas de
1995 a 1998.

HISTÓRIAS E SENSAÇÕES

Pediram-me para escrever alguma coisa sobre os 25 anos do Curso de Análise de Sistemas (CAS) da PUC-Campinas. Para escrever sobre este assunto a primeira coisa que me vem à mente é a palavra "história".

O que eu sei da história do CAS?

Tudo começou com o meu envolvimento no curso como aluno. Quando a gente se envolve na história, já não fica mais sendo somente história. Vira história somada com sensações.

Vamos lá!

Como já disse, o meu envolvimento com o CAS se deu, como seu aluno, em 1976. A maioria dos meus colegas não sabia o que era um analista de sistemas. Muitos deles pensavam que iriam aprender a montar computadores (hardware), como se faz hoje, com os kits de microcomputadores. Não era nada disto, era algo diferente. Fiz o curso, com muito sacrifício e, ao contrário do que acontece hoje com a maioria dos alunos, não me formei e fui para a empresa, pois já estava empregado na área, desde o segundo ano. Fui contemporâneo da primeira turma do CAS, fiz parte do primeiro grupo de alunos a receber o diploma do CAS reconhecido pelo MEC. O primeiro Curso de Análise de Sistemas reconhecido pelo MEC no Brasil. Fiz muitos amigos neste período e mantenho muitas destas amizades até hoje.

Começou, então, uma outra fase da minha vida, onde o meu diploma (aqui no sentido mais amplo, significando todo o meu aprendizado na Universidade) foi, sem dúvida alguma, uma peça chave. Naquela época (no começo de minha carreira), eram poucos os profissionais da área de informática que tinham

uma formação acadêmica na área. A maioria era formada por pessoas oriundas de outras áreas, que atuavam no mercado com uma formação prática. Não se dava muita atenção ao diploma (principalmente da área), como acontece hoje. Mesmo assim, para mim ele era importante, pois eu sentia que estava recebendo uma formação diferente de muitos de meus parceiros. Tinha uma base mais sólida, uma formação mais consistente e um dia tudo isto iria ser exigido de mim. Fui galgando, passo a passo, os degraus da carreira: programador júnior, pleno, etc. Trabalhei em um bom número de empresas de áreas e iniciativas diferentes. Nunca mais voltei para a PUC-Campinas.



Um dia, eu estava sentado em frente à minha mesa, no meu local de trabalho, quando alguém me avisou que uma pessoa queria conversar comigo. Era

o coordenador de departamento do CAS da época (início de 1987). Eu não o conhecia e fiquei muito surpreso, quando ele me disse que o motivo de sua visita era um convite para ministrar aulas no CAS. Não sabia se tinha jeito ou, sequer, capacidade para o cargo. Disse isto à ele, mas como era um bom “vendedor”, me convenceu do contrário. Lá fui eu para a PUC-Campinas, depois de tantos anos sem nunca mais ter voltado lá.

Começou, assim, mais uma nova fase da minha vida, que coincidiu com uma nova fase do CAS, pois estava sendo criado o Instituto de Informática (I.I.), do qual iria fazer parte o CAS, que foi a semente de sua criação.

Muito bem, ao voltar para o CAS verifiquei que tudo estava diferente, mas a sensação era de que tudo voltava à tona. Andava pelos corredores e não via história e sim, sentia sensações passadas. Me via através de meus alunos. Os meus ex-professores, que começaram suas carreiras muito novos, pois informática também era uma área muito nova, ainda estavam lá e agora, eram meus colegas.

Passaram-se quase 12 anos da minha volta para a PUC-Campinas. Aqueles que foram meus professores se transformaram em meus colegas e agora são meus amigos. Não tenho mais colegas de classe. Tenho alunos que um dia serão meus colegas de trabalho na área de informática e muitos, tenho certeza, serão meus amigos. Sinto que a história do CAS e agora do I.I. da PUC-Campinas, tem se misturado cada vez mais com a história da minha vida.

É muito gostoso estar passando, às vezes por lugares muito distantes de Campinas, e escutar: “- Oi Oscar!” e ver um ex-aluno, que começa a contar com entusiasmo seu sucesso na carreira. Em todos os lugares onde trabalhei, sempre coloquei um sentimento em primeiro lugar: o de responsabilidade. Achava que isto era tudo. Responsabilidade perante meus iguais, superiores e subordinados. Hoje vejo que isto não é tudo. Na PUC-Campinas é diferente. Sinto-me (entre meus colegas professores, funcionários e a moçada, meus alunos), diferente de como me sentia antes. Sinto que estou sempre aprendendo, em um ambiente fervilhante de idéias e ideais. Isto é extremamente estimulante e o resultado é muito compensador.

Existe em mim, agora, um sentimento, que não existia quando trabalhava em outras empresas, por

mais que eu me adaptasse à elas: o sentimento de carinho pelo que faço e não somente o de responsabilidade. As empresas podem fazer o trabalho que quiserem de aumento de motivação, voltado para seus funcionários. Nunca conseguirão fazer aflorar neles o sentimento de carinho. Isto só existe em muito poucas relações, entre elas a relação aluno-professor e professor-aluno.

Parabéns ao CAS por seus 25 anos!

José Oscar Fontanini de Carvalho

Ex-aluno do Curso de Análise de Sistemas e Professor e Vice-diretor do Instituto de Informática da PUC-Campinas.

O PROBLEMA DO ALTO-FORNO

Numa manhã de segunda-feira rumei para São Paulo a fim de participar de um curso de atualização profissional. Não me lembro se era sobre redes ou prototipação, o que agora não é importante. Como se pode imaginar cheguei atrasado. O instrutor já havia se apresentado e falado sobre os objetivos do curso. Estava no final daquela etapa quando todos os participantes se apresentam dizendo de si. Quem eram, de onde vinham e quais eram suas expectativas para o curso. Ainda que alguns já estivessem pensando no almoço, que seria no terraço do Edifício Itália, todos diziam estar extremamente interessados no assunto.

No primeiro intervalo para o café um dos participantes veio ao meu encontro e sorridente disse: "Professor! Como vai?" Vendo minha cara de espanto continuou "Não se lembra de mim? Fui seu aluno na disciplina de programação COBOL no ano tal (por volta de 1980)." Claro, respondi, puxando logo um assunto daquela época, enquanto tentava me lembrar dele. Foi em vão. Sempre tive dificuldade com nomes e rostos.

Foi então que contou sua história. Logo após ter se formado na PUC, participava de um processo de seleção para Analista de Sistemas numa grande empresa em São Paulo, quando foi convocado para fazer um teste de programação COBOL. Como não haveria tempo para rever toda a matéria, tomou uma decisão: "O senhor se lembra do problema do alto-forno? Como era um dos últimos que vimos durante o curso, resolvi investir nele. Reli e refiz o exercício. No dia seguinte fiz o teste, passei e hoje tenho uma posição muito boa na empresa."

Fiquei muito satisfeito com o desfecho da história, é o melhor retorno que um professor pode ter. Apesar de ter deixado de dar aulas de COBOL há muito tempo, ainda me lembro do problema do alto-forno. Era realmente um exercício completo: incluía tabelas de duas e três dimensões, cálculos, impressão de relatório e farto uso de *performs*.

Naquela época os programas dos alunos eram perfurados em cartões e rodados no IBM/3 do CPD da PUC!

João Carlos Orosz

Professor do Instituto de Informática, desde 1973.

UMA ESTRANHA NO NINHO, OU... MINHA VIVÊNCIA NO INSTITUTO DE INFORMÁTICA

Minha vivência no Instituto de Informática teve início em 1976, quando ainda éramos apenas o Curso de Análise de Sistemas Administrativos em Processamento de Dados, vinculado à Faculdade de Ciências Tecnológicas. Nessa época o curso estava em implantação e a estrutura da universidade era muito centralizadora, o curso sofria com a precariedade das instalações e de equipamentos, e ainda mais pelo fato de estar formalmente ligado à faculdade de engenharia.

Se levarmos em conta a distância física existente entre o Campus I (Análise de Sistemas) e o Seminário (demais cursos da Faculdade), teremos idéia das dificuldades administrativas e da total desintegração com os demais cursos da unidade. Não tínhamos praticamente autonomia nenhuma, o coordenador do curso tinha que levar ao diretor da unidade as necessidades específicas do mesmo e sensibilizá-lo para as diferenças existentes, pois era este quem representava o curso perante os órgãos decisórios da Universidade.

Foram tempos difíceis, pioneiros, mas sempre muito agradáveis. Eu vinha de uma atuação em várias unidades da Universidade, psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, pedagogia, serviço social, enfermagem, e assim que cheguei ao curso de Análise de Sistemas houve uma total e imediata empatia, com todos os integrantes, alunos, professores e funcionários. Nessa época havia uma grande união entre alunos e professores.

Para mim, como psicóloga, era um mundo novo, com pensamentos das pessoas da área de exatas,

muito diferentes dos que eu estava acostumada a conviver, os “papos” eram sempre muito interessantes, variados e instigantes. Tem uma passagem muito engraçada que ocorreu logo no início quando tentei me mostrar “conhecedora” da área e, “de orelhada”, disse “COBAL” me referindo à linguagem COBOL e todos os alunos caíram na risada.

Rapidamente me envolvi com os alunos e suas necessidades não só em termos profissionais, mas também pessoais. Por extensão, me envolvi também com o curso, pelas relações humanas gratificantes ao ponto de ir me desligando de algumas unidades chegando em 1980 a me dedicar exclusivamente ao curso.

Me reportando àquela época, a primeira mudança começou logo ao chegar em sala de aula: apenas rapazes! Minhas turmas normalmente eram quase que exclusivamente femininas, com tudo o que isso acarreta. Há uma grande diferença entre estes dois universos. Me foi muito prazeroso todo o contato, durante as aulas, até o desenvolvimento da disciplina era diferente, pelas próprias dúvidas e questões levantadas.

A vivência dos alunos me trazia um mundo desconhecido e estimulante, era um desafio! É fácil de se ver que desenvolvemos muito mais do que uma relação professor/aluno; eu me sentia muito à vontade para trocar idéias entrando em vários campos do conhecimento e da vida e que foi gerando uma amizade que se estendeu durante toda a minha permanência no curso. Era comum depois de formados, os alunos voltarem apenas para conversar sobre sua vida pessoal e profissional. Minha primeira turma era do 4º ano do curso, que se formava no final do ano. O entrosamento foi tal que fui escolhida como a patrona (**patronesse**) da primeira turma do curso de análise de sistemas.

Me senti imensamente feliz pela deferência e consideração. Realmente fui muito bem recebida e creio que contribuí muito na criação de toda a vida do curso de Análise de Sistemas.

No início o curso era anual com grade de horário fixa, mas logo constatou-se a necessidade de semestralidade e matrícula por disciplina, com o aluno fazendo seu horário. Todo o sistema era ma-

nual, desde a composição das turmas a serem oferecidas até a conferência de pré-requisitos para cada aluno. Nesta época, era comum ficarmos até altas horas com os alunos, auxiliando-os na tarefa de achar melhor solução para cada caso. Após isto feito, começava o trabalho interno de análise de pedidos de matrícula e requerimentos de mudanças. Este contato nos aproximava muito, era comum considerarmos juntos todas as implicações em termos acadêmicos e até pessoais na composição de um horário. Me lembro dos malabarismos para compensar uma reprovação fazendo-se ajustes com antecipações de disciplinas para não causar prolongamento no curso.

Como minha disciplina é de Introdução à Psicologia, era comum tratarmos de problemas humanos relativos aos aspectos amorosos, familiares e mesmo de educação de filhos, o que mobilizava emocionalmente os alunos, levando-os a me procurar fora do espaço de aula para aconselhar-se ou aprofundar um assunto iniciado em sala. Este tipo de interação propiciava, através do conhecimento mútuo, o surgimento de verdadeiras amizades. Paralelo à isto, o convívio entre os professores e funcionários era muito agradável e caloroso, não ficando restrito somente ao espaço da instituição, pois era comum o “chopininho” do fim de noite e os churrascos de fim de semana, e nessas ocasiões, reuníamos “pessoas” com afinidades: professores, alunos, funcionários. Não havia diferenças no trato humano hierárquico, havendo sempre muito respeito entre as pessoas. Bons tempos aqueles em que o trabalho até as 4 horas da madrugada não era pesado!!!

A evolução natural era nos desligarmos da Faculdade de Ciências Tecnológicas e me agradou muito ser designada para a elaboração do projeto inicial do Instituto de Informática. Este projeto sempre era discutido entre o corpo docente, mas a sua defesa nos órgãos superiores foi uma luta quase que pessoal, pelas emoções envolvidas e relações de poder alteradas. Como parte do processo de criação do Instituto veio a departamentização interna, criação dos cursos de Especialização, Pós-graduação e Engenharia de Computação. Ficamos “GRANDES” e, conseqüentemente, mais fragmentados. Aquela união e amizade dos tempos iniciais já não são tão frequentes. Me alegra muito que minha relação com os

alunos não foi prejudicada, permanecendo intensa como no início... Mesmo no novo curso de Engenharia, sempre tivemos a mesma relação de dedicação e amizade que já existia no curso de Análise de Sistemas. É com muito orgulho que gostaria de me referir à homenagem que os alunos me prestaram dando meu nome ao Centro Acadêmico do Instituto.

Estou me aposentando, e na comemoração destes 25 anos de existência do curso levo como algo marcante na minha história de vida todo o trabalho desenvolvido e principalmente as relações de amizade que conquistei.

Maria Thereza de Arruda Penteadó

Professora do Instituto de Informática, de 1976 até 1998.



25 ANOS DO CURSO DE ANÁLISE DE SISTEMAS

Definitivamente não sou a pessoa mais indicada para falar destes 25 anos do Curso de Análise de Sistemas, a não ser da minha experiência ministrando disciplinas para alunos do primeiro, segundo e terceiro anos, desde o ano de 1990.

Durante este período, foi gratificante crescer e aprender com aqueles que são a razão da existência do Curso: pessoas que entram no primeiro ano, após estafante vestibular, assustadas, na sua maioria, para iniciar uma jornada de sacrifícios e alegrias, rumo a um desejado lugar ao sol no concorrido mercado de trabalho. Pessoas que no segundo ano se questionam e vivem pequenas crises existenciais, devido às dúvidas de terem realizado a escolha acertada para suas carreiras e

de terem seu espaço garantido. Pessoas que desabrocham e crescem, transformando-se no terceiro ano. Sabem, então, o que querem. Traçam objetivos. Aceitam desafios.

Gostaria sim de tecer alguns poucos comentários sobre os próximos 25 anos. Nos anos que vêm pela frente, a julgar pelo que tem acontecido no mundo inteiro, nossos alunos continuarão a ser necessários para desempenhar um número importante de tarefas, porque a informatização continuará sua contínua e avassaladora jornada, adentrando em todas as áreas, procurando integrar tudo, realizando mais uma revolução tecnológica.

Nos anos que vêm pela frente, continuaremos a receber pessoas com idades, anseios e medos parecidos com aqueles das pessoas que recebemos nestes últimos 25 anos. Porém, essas novas pessoas trarão consigo necessidades diferentes.

As necessidades dos futuros alunos já estão sendo estabelecidas pelo mercado de trabalho, pelos avanços tecnológicos que não têm fim e, principalmente, por um diferencial, um algo mais, uma grife que lhes permitam sobressair dentre todas as outras pessoas provenientes de cursos concorrentes.

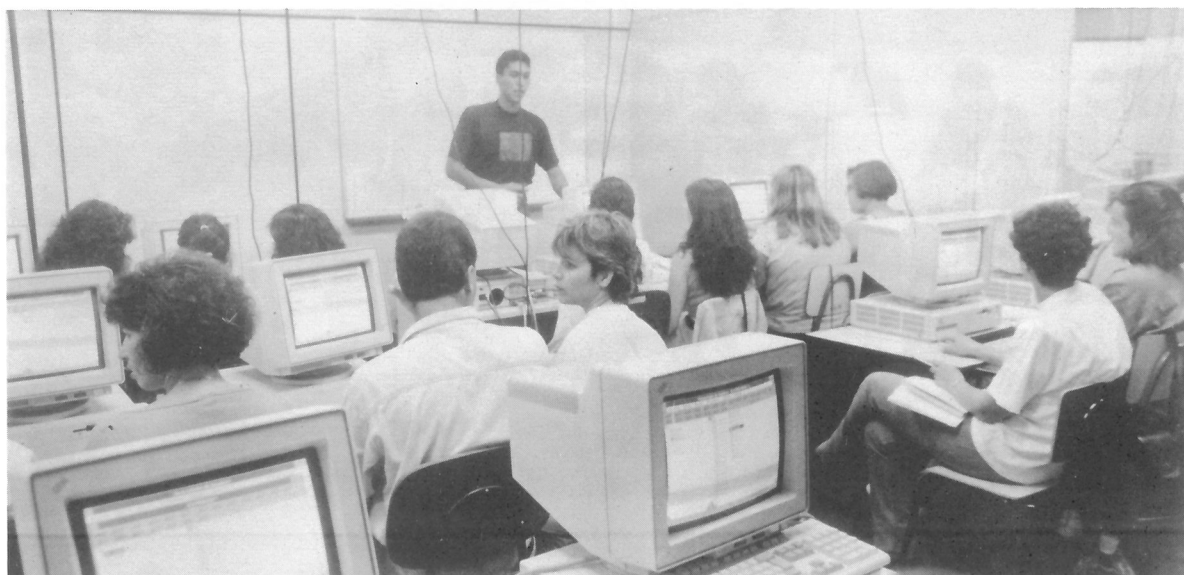
Sabemos que o Curso de Análise de Sistemas, até hoje, é referencial para a criação de Cursos de Graduação, mas precisamos como nunca continuar a ser referencial.

Congratulações aos alunos e ex-alunos do Curso de Análise de Sistemas pela participação nesta contínua tarefa de edificar esta realização de ensino e pesquisa.

Incentivos aos corpos docente e administrativo, para que continuem na árdua busca de qualidade, dedicação e boas iniciativas.

Carlos Miguel Tobar Toledo

Professor do Instituto de Informática, desde 1990.



PRATA DA CASA

Meus conhecimentos sobre informática começaram em 1977 quando entrei no Curso de Análise de Sistemas da PUC-Campinas. Fui para o mercado de trabalho e entendi o quanto foram importantes os conhecimentos que o curso me proporcionou. Em 1983 retornei como professor e tive a oportunidade de conhecer o outro lado, ou seja, o quanto é importante saber ensinar. Atualmente, o que mais me agrada no processo de ensino e aprendizagem é a preocupação que temos em manter o curso sempre atualizado frente ao grande e crescente desenvolvimento tecnológico que acontece na área de informática. Se pudesse voltar no tempo, faria tudo novamente.

Orandi Mina Falsarella

Ex-aluno do curso de Análise de Sistemas entre 1977 e 1980 e Professor do Instituto de Informática, desde 1983.

PRATA DA CASA II

Escrever esse depoimento é, acima de tudo, um grande prazer. Eu poderia usar esse espaço para enaltecer os empreendimentos realizados nestes 25 anos pelo curso de Análise de Sistemas (e depois pelo Instituto de Informática) ou então lembrar de pessoas (professores, funcionários e principalmente alunos) que dedicaram algum tempo de suas vidas à essa comunidade. Essa linha de discurso seria, muito provavelmente, redundante ou repetitiva.

Gostaria que o leitor desse depoimento que conviveu ou convive neste curso (como é meu caso) procurasse, mesmo que por alguns segundos, fazer uma viagem no tempo. É provável que, a princípio, nossa memória recupere os momentos difíceis que passamos. Mas, se gastarmos alguns segundos a mais, nossa memória começará a recuperar os mo-

mentos de prazer (coisas que aprendemos, amizades que semeamos e cultivamos, namoros e tantos outros momentos inesquecíveis). Digo começará pois esse processo poderá durar muito tempo ...

Que lição podemos tirar disso? Que as dificuldades e barreiras que já encontramos (e as que ainda encontraremos) podem ser árduas e difíceis de serem vencidas. No entanto, cada uma delas agrega, no devido tempo, incontáveis momentos de prazer ou engrandecimento que, de tão importantes, algumas vezes nos passam despercebidos. Certamente, tais momentos estão guardados bem no fundo de nosso coração e de nossa alma (talvez seja por isso que não lembramos deles logo de início). Que esses momentos de luz possam servir como guia e, principalmente, funcionar como fiel da balança de nossas vidas, em constante busca de equilíbrio e harmonia, conosco e com nosso próximo.

Ivan Granja

Ex-aluno do curso de Análise de Sistemas entre 1987 e 1990 e Professor do Instituto de Informática, desde 1992.

EX-ALUNOS QUE CONTINUAM EM CONTATO

Naquela época, num mercado não emergente e obscuro onde muito se comentava mais pouco existia do real, mas com grandes sonhos, trabalhava 9 horas por dia, inclusive aos sábados, e freqüentava o Curso de Análise de Sistemas.

Não fui aluno brilhante e tampouco me destaquei no meio acadêmico mas com muita luta transpuse a barreira de chegada e tornei-me parte de pessoas que na época, conseguiam ter concluído um Curso Superior.

Todos os sofrimentos, percalços e pedras do caminho foram (e estão sendo) utilizados, inclusive as pedras (...dradas) para construir não só aqueles grandes sonhos da época mas para alicerçar outros que deles começaram a tomar corpo.

Não trabalhei e não trabalho diretamente com e na área de informática mas com pessoas (que na época eram colegas e hoje são amigos) da área. Toda a filosofia dos procedimentos da informática são inesquecíveis e ajudam qualquer profissional, de qualquer área, a pensar e agir com mais objetividade, clareza, persistência, firmeza, afinco... pois aprende-

mos, entre outras coisas (e eu também ensinava isso no período de docência) que temos relativo poder, visto que as informações estão à nossa disposição e podemos transformá-las em dados e os dados em informações. E, pensando e agindo de modo sistemático e racional, podemos chegar ao ponto almejado com maior rapidez e facilidade.

São muitas as recordações da época em relação aos professores, conteúdos, forma de ministrar aulas, manias de alguns,... mas não ficou só o pano de fundo e o cartucho na mão. Ficou muito mais! Ficou uma enorme bagagem de onde vão sendo "tiradas coisas velhas e novas" que não se acabam nunca, pois o que colhemos na época está a produzir frutos saborosos e em quantidade sempre maior.

Desejo, de coração, que todos os que passaram pelo Curso tenham sucesso profissional e pessoal mas que tal sucesso seja colocado sempre em favor do próximo.

Mário Roberto Maróstica

Secretario Geral Adjunto - PUC-Campinas
Ex-aluno, turma de 1979

UM DIA UMA OPORTUNIDADE

O nome do curso eu jamais tinha ouvido falar: Análise de Sistemas. Sua definição, ainda que inexata, veio rapidamente: é coisa de mexer com computador. O desafio foi aceito e encarado de frente. Entre 1974 e 1977 freqüentei, estudei e me graduei na 2ª turma da então Faculdade de Análise de Sistemas da PUC-Campinas.

A carreira foi metodologicamente seguida passo a passo, cumprindo desde a etapa da monitoria em Cálculo, Estatística e COBOL, o estágio, a programação, a análise, a condição de líder de projeto e gerente de desenvolvimento de sistemas.

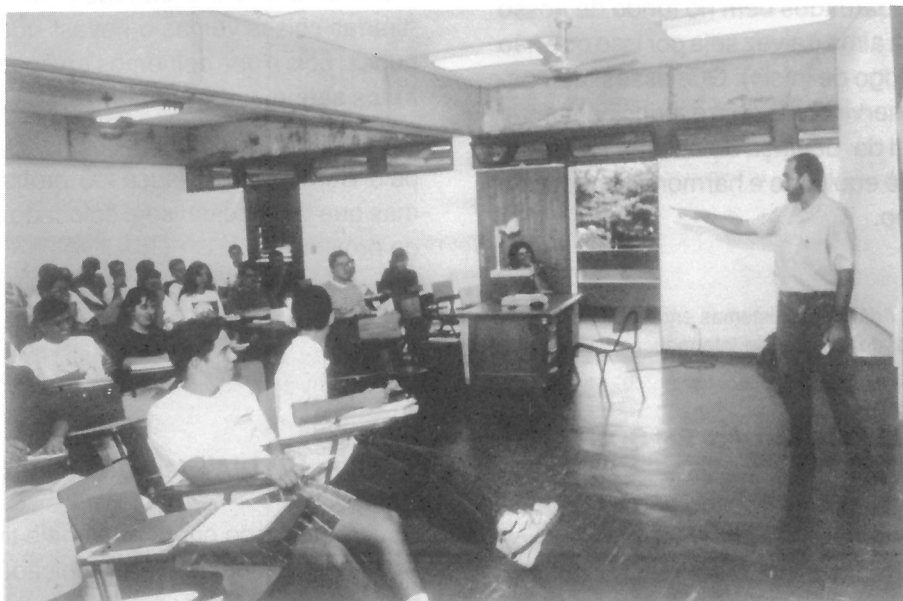
Atualmente, enquanto Diretor Técnico de Informática, tenho a responsabilidade de decidir sobre as questões que me são apresentadas no dia a dia e que, freqüentemente, requerem não só a base técnica conceitual mas também o conhecimento global das relações interpessoais ou empresariais.

Entendo que a maior riqueza da Universidade é o seu quadro de condutores.

Nomeio assim as pessoas que se comprometem com o ensino, partindo do princípio de que este

só se consegue quando há a efetiva e ampla transferência de conhecimento.

Nossa área, a informática, é certamente uma das mais dinâmicas e interdisciplinares no mundo de hoje. Do cartão perfurado de 80 e 96 colunas à tecnologia dos microcomputadores que sequer o conheceu. Dos processamentos *batch* às transações via Web. Do computador menor que um 486 que levou o homem à lua às cirurgias monitoradas por microcomputadores. Isto é o mundo da informática que ao se aliar ao da comunicação revolucionou os conceitos da distância.



Um dos conceitos que tenho sempre em mente é que o “reconhecimento” deve ser feito a todo momento em que couber. Isto vale para tudo, isto, é, para situações onde existia a hierarquia, para as de trabalho em grupo ou mesmo para as de caráter pessoal. A entidade universitária e seus condutores são parte permanente do meu reconhecimento pelo que hoje sou.

Parabéns a todos que se comprometem com a construção de nossa nova sociedade. Parabéns pelos 25 anos de (in)formação.

Renato Silveira Bello Stucchi

Diretor Técnico da IMA - Informática de Municípios Associados
Ex-aluno, turma de 1983

NAQUELA ÉPOCA ...

Diziam que precisava gostar de matemática, mas é a lógica que me fascina. Montar o quebra

A mutação é constante. A tecnologia cada vez mais se encontra ao alcance de nossas mãos como uma ferramenta que pode ajudar a melhorar a qualidade de vida das pessoas. Precisamos utilizá-la de forma construtiva. Condutores são aqueles que se preocupam com as pessoas, que transmitem o específico e a abrangência requerida para se alcançar o todo. Os conceitos mais modernos da física quântica tornam o caos um fator conhecido. A formação que se deve dar às pessoas extrapola os limites do conceitual para o experimento da vida.

cabeça, organizar, e criar soluções para as empresas é sempre um desafio.

E eu sou movida a desafios. Colocar toda essa engrenagem para funcionar harmonicamente, considerando as inovações da tecnologia galopante é a realização de todo analista de sistemas.

Aproveito a ocasião para parabenizar o Instituto de Informática da PUC-Campinas pelo seu pioneirismo na região e por estar entre os melhores há 25 anos.

Roberta Salin Penteadó

Ex-aluna, turma de 1980
Diretora de Informática - Lojas Líder
Diretora de Aplicações - Sucesu - Campinas

Desde a 1ª turma do curso de Análise de Sistemas até hoje, a área de informática vem passando por transformações constantes, mas esta faculdade sou-

be dar aos seus alunos a estrutura necessária para se adaptarem às mudanças, preparando assim profissionais capazes de atender a todas as exigências do mercado.

Roberto Duarte de Luca

Ex-aluno do curso de Análise de Sistemas turma de 1982
Gerente de Sistemas da Rigesa Celulose Papel e Embalagens Ltda.

EX-ALUNO!

Cadastre-se na lista de ex-alunos do Instituto de Informática e habilite-se a receber informações profissionais e de atualização para sua profissão.

Inscreva-se através de nossa *home-page*:

<http://www.puccamp.br>.